

Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República

Formation of regional relations in a global context: football rivalry between Rio de Janeiro and São Paulo during the First Republic

Christina Peters

Diretora do Escritório da Freie Universität Berlin no Brasil.
Rua Verbo Divino, 1488, bloco D, térreo
04719-904 – São Paulo – SP – Brasil
christina.peters@fu-berlin.de

Recebido para publicação em dezembro de 2012.

Aceito para publicação em junho de 2013.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013005000016>

PETERS, Christina. Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/hcsm>.

Resumo

A internacionalização do futebol e a contínua construção de uma comunidade esportiva transnacional no começo do século XX interagiram com processos de diferenciação nacionais e regionais. O artigo mostra que, no Brasil, o futebol serviu para as elites de São Paulo e Rio de Janeiro construírem e expressarem suas identidades regionais. Adotando uma perspectiva global e regional, busca-se compreender esses processos de diferenciação entre ambas as cidades a partir da análise de determinados eventos esportivos. O texto parte do pressuposto de que identidades e espaços regionais e nacionais são construídos a partir de entrelaçamentos e negociações transnacionais. No caso específico do futebol, visa-se atentar para os efeitos uniformizadores e diferenciadores que o processo de sua globalização implicou.

Palavras-chave: regionalismo; identidade paulista; história do futebol; Brasil.

Abstract

The internationalization of football and the ongoing creation of a transnational sports community in the early twentieth century interacted with processes of national and regional differentiation. The article shows that, in Brazil, football served as a means for the elite of São Paulo and Rio de Janeiro to forge and express their regional identities. Adopting a global and regional perspective, an attempt is made to understand these processes of differentiation between the two cities based on the analysis of given sporting events. The text starts from the assumption that regional and national identities and spaces are constructed from transnational interaction and negotiations. In the specific case of football, the aim is to ascertain the standardizing and differentiating effects that the process of its globalization implied.

Keywords: regionalism; the São Paulo identity; history of football; Brazil.

O artigo trata da rivalidade futebolística entre São Paulo e Rio de Janeiro durante as últimas décadas da Primeira República não em termos clubísticos, mas por meio de sua representação simbólica, que se expressou principalmente na imprensa esportiva em torno de jogos internacionais disputados na América do Sul e na Europa. Analisa-se essa rivalidade principalmente a partir de fontes paulistas, considerando como o futebol proporcionou um meio de formular e discutir conceitos identitários regionais. O que favoreceu esse processo foi a internacionalização do futebol nas primeiras décadas do século XX, propiciada por encontros internacionais constantes, viagens de clubes e de jogadores e o desenvolvimento de um sistema internacional de administração e regulamentação uniformizador (Eisenberg, 2001; Giulianotti, 2007; Keys, 2006; Lanfranchi, Taylor, 2001). Desenvolve-se, a partir dessas premissas, a tese de que processos como internacionalização e regionalização do futebol caminham juntos, influenciando-se mutuamente. Enquanto a literatura existente investiga o futebol a partir de um ângulo nacional (Bocketti, 2007; Negreiros, 2003; Pereira, 2000; Souza, 2008), procura-se salientar os desafios à nação por meio de discursos regionalistas a respeito desse esporte moderno. Esses, por si mesmos, eram ancorados em um espaço que transcende a nação, fazendo parte de um processo complexo de construções e afirmações de identidades nacionais e regionais em um contexto global.

Internacionalização e ‘pioneirismo’ em São Paulo

Desde os primeiros contatos futebolísticos entre São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de 1901 (Franzini, 2003; Pereira, 2000), desenvolveu-se uma relação contínua e preferencial que forjou e acentuou a rivalidade entre as duas cidades. Em ambas, elites esportivas, jornalistas, presidentes de clubes e educadores da nascente área de educação física autotransformavam-se como os centros do movimento esportivo que poderia e deveria ‘civilizar’ outras regiões do Brasil em termos esportivos (Sant’Anna, 26 abr. 1918).¹

Em um contexto mais abrangente, global, os dois centros encaixaram-se em uma escala de ‘civilização esportiva’ da qual faziam parte países vistos como ‘civilizados’ – Inglaterra, França, EUA, Argentina e Uruguai – e regiões vistas como ‘atrasadas’ dentro do próprio país. Essa inserção em uma ordem internacional-regional de estágios de civilização aconteceu também entre São Paulo e Rio de Janeiro. As elites esportivas das duas cidades competiam não somente nos próprios campos de jogo, mas também em um campo mais amplo, discursivo, pela soberania e pelo direito de representar a nação esportiva dentro do Brasil e no exterior. O futebol não escapou a essa lógica, ajudando a enfatizar esta imagem: os paulistas usavam-no para construir a identidade de uma São Paulo moderna, adiantada e civilizada.

Enquanto outras regiões não dispunham de um discurso tão poderoso que pudesse rivalizar com o dos paulistas no que tange à suposta superioridade no futebol, esportistas do Rio de Janeiro questionaram-no cada vez mais, construindo a rivalidade entre ambas as cidades. Na capital do estado cafeeiro, o futebol foi edificado como uma prática cultural pertencente, quase que ‘naturalmente’, aos hábitos dos moradores de uma São Paulo moderna, que se encontrava à frente das demais regiões do país em termos culturais, políticos e econômicos (Sevcenko, 1992). Isso não significa, contudo, que ele tenha sido carregado apenas de sentidos de outras esferas sociais supostamente mais importantes, como a política e a economia.

O futebol, em si, servia também como uma forma de construir e difundir esses discursos, o que significa que ele pode ser pesquisado também como um “mundo próprio” (Eisenberg, 1999, p.12-16; Eisenberg, 2005); que não é somente um retrato de processos sociais e culturais mais amplos, podendo ser analisado a partir de suas próprias lógicas e regras.

A difusão do futebol em São Paulo ocorreu em um momento anterior à fundação dos clubes de elite e à chegada do conhecido esportista Charles Miller. A partir da década de 1880, uma reforma educacional em nível nacional introduziu práticas esportivas nas escolas tomando como exemplo as instituições de ensino europeias. Nos anos 1890, regras muito similares às do futebol moderno já haviam sido introduzidas a jovens estudantes. Junto com imigrantes trabalhadores das ferrovias, eles passaram a praticar o esporte em espaços abertos, como nas linhas de trem em construção (Santos, Neto, 2002). Assim, mesmo o Rio de Janeiro sendo uma cidade esportiva pelo menos desde o último quarto do século XIX, o movimento de criação do futebol de forma organizada, governado por uma liga formada por clubes, começou em São Paulo (Melo, 2001; Pereira, 2000; Neto, 2002).

Os primeiros clubes, como o Internacional, composto de imigrantes de diferentes nacionalidades, o clube alemão Germânia, o Clube Atlético Paulistano e o clube do colégio Mackenzie, foram fundados por volta de 1900. No Rio de Janeiro, o entusiasmo pelo futebol só começou em 1901, a partir dos encontros com esses pioneiros paulistas (Pereira, 2000). A capital do país passou a ser o centro administrativo do futebol nacional depois da configuração de uma forte ligação entre dirigentes dos clubes locais e o governo federal (Caldas, 1990; Sarmiento, 2006). Mesmo assim, São Paulo reclamava para si o pioneirismo da introdução do futebol no Brasil, baseado nos contatos com a comunidade internacional esportiva, passando a exigir a representação administrativa do esporte.

Obviamente, rivalidades entre duas cidades que funcionam como centros políticos, econômicos e culturais em um país são até certo ponto normais. Mesmo assim, é interessante atentar para a forma como essa rivalidade foi estabelecida, uma vez que ela aponta para construções identitárias que se sobrepõem às identidades nacionais, ao passo que são inspiradas e construídas dentro de um contexto mais amplo. O futebol, nesse sentido, pode servir para analisar conceitos e processos de diferenciação.

Regionalismos na administração do futebol

Desde os primeiros anos do século XX, cariocas e paulistas enfrentaram-se em jogos e construíram uma rivalidade, sobretudo entre clubes de elite como o Paulistano e o Fluminense F.C. Nesse momento ainda prevalecia o espírito de *fair-play* entre os *gentlemen* que entravam em campo. Tal cenário alterou-se apenas durante o entreguerras, quando houve uma verdadeira internacionalização esportiva. Com a valorização internacional do futebol como meio de diplomacia e representação no âmbito da Primeira Guerra Mundial, a rivalidade entre paulistas e cariocas acabou ganhando outro significado.

A Primeira Guerra Mundial não representou apenas uma desilusão com valores europeus e a intensificação de nacionalismos, mas também afetou o futebol internacional de forma mais concreta. Depois da guerra, governantes e diplomatas passaram a reconhecer esse esporte como uma forma de diplomacia cultural (Arnaud, 1998a; Keys, 2006). Desde então, os governos

passaram a promover festivais esportivos e começaram a investir em uma infraestrutura esportiva para levar o esporte às escolas com o intuito de formar recrutas para os exércitos nacionais (Keys, 2006). Alguns países chegaram a fundar, nessa mesma época, ministérios esportivos ou a promover de forma significativa o esporte (Arnaud, 1998b; Pope, 1997). Até o governo britânico, que tradicionalmente recusava qualquer envolvimento com os esportes, passou a interessar-se por ele como instrumento alternativo de diplomacia (Beck, 1999). O Brasil não escapou desse processo mais amplo, adotando práticas semelhantes às dos demais países, mesmo que aqui isso tenha sido algo menos contínuo e planejado e mais arbitrário (Terret, 2009).

Facilitaram o internacionalismo do esporte nessa época, entre outros fatores, as melhorias no setor de transportes (Lanfranchi, Taylor, 2001). Isso é visível sobretudo no caso de São Paulo e Rio de Janeiro. As duas cidades eram os centros esportivos dessa época no Brasil, simplesmente porque, até os anos 1930, os times que participaram em jogos internacionais eram compostos basicamente por jogadores dos grandes clubes de ambas as cidades. Os times estrangeiros que excursionaram para a América do Sul visitaram preferencialmente os dois estados, graças a uma vantagem geográfica e ao maior apoio financeiro e político recebido pelos clubes de elites desses centros (Caldas, 1990). Foram, portanto, esportistas e diretores de clubes e associações esportivas dessas duas cidades que definiram, por meio da seleção de jogadores, como o Brasil seria representado mundo afora. É importante enfatizar a importância de eventos e locais esportivos que no olhar dos autores contemporâneos funcionaram como pequenos palcos efêmeros para demonstrar o 'estado civilizatório' de uma nação. Eram, a um só tempo, palcos para um internacionalismo esportivo de um mundo próprio e palcos de um nacionalismo cada vez mais forte, em que as nações poderiam exibir ideias e elaborar discursos (Dyreson, 2003; Eisenberg, 2001).

A internacionalização do esporte ocorreu principalmente pela necessidade de criação de órgãos independentes, não partidários, que poderiam interpretar e vigiar as regras do esporte nas competições internacionais. Chefes de associações nacionais da Europa continental, sobretudo franceses, belgas, holandeses, suíços e dinamarqueses, fundaram a Fifa (Fédération Internationale de Football Association) em 1904, com o objetivo de que dela fizessem parte todas as associações nacionais de esporte do mundo, para futuramente criar um campeonato mundial de futebol. Desde o início a Fifa funcionou pelo princípio 'uma nação, um voto'. Dessa forma a entidade interferiu diretamente na política esportiva de vários países que tinham associações esportivas concorrentes, exercendo um efeito uniformizador sobre elas (Eisenberg, 2006; Keys, 2006).

Tanto a criação da Fifa como, mais tarde, a Primeira Guerra Mundial, tiveram um efeito não só uniformizador, mas também de regionalização no âmbito da América do Sul. Em 1915, enquanto as relações esportivas internacionais com países europeus estavam temporariamente barradas pela guerra, as já existentes associações esportivas nacionais do Uruguai e da Argentina esforçaram-se para organizar um campeonato sul-americano de futebol e fundar uma associação sul-americana no ano seguinte. Para que o Brasil pudesse participar e associar-se ao órgão continental, ele deveria apresentar um time selecionado por uma entidade oficial nacional.

Aproveitando-se de uma cisão entre as diversas entidades esportivas de São Paulo, que enfraqueceu um posicionamento coeso dos paulistas, os cariocas souberam fortalecer sua

hegemonia nacional no que tange à administração esportiva. Foi a partir dessas novas constelações locais e exigências internacionais que paulistas e cariocas começaram a lutar para poder representar o Brasil diante da comunidade internacional. Tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, as elites fundaram associações esportivas com a pretensão de representar o esporte nacional e poder associar-se à Fifa, ao Comitê Olímpico Internacional e à Confederação Sul-americana de Futebol. A fundação de uma associação esportiva nacional virou um conflito que ultrapassou as fronteiras do país, visto que agentes dos dois partidos fizeram valer seus contatos com a comunidade esportiva internacional (Caldas, 1990; Sarmiento, 2006). Embora as tentativas locais não tenham obtido sucesso, as negociações políticas em torno da fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), inaugurada com a fusão das associações paulistas e cariocas, mostram o quanto a organização política do futebol deixou de ser um assunto nacional, ficando restrita ao eixo Rio-São Paulo. Todavia, esse acordo entre as duas cidades não pacificou a rivalidade. Pelo contrário: a CBD foi dirigida pela elite esportiva carioca, enquanto os paulistas, encorajados por muitos sucessos esportivos, estavam cada vez mais seguros de seu papel como representantes legítimos do futebol nacional, ainda que prescindissem de uma instituição formal, de âmbito nacional, como seus rivais.

A partir da instalação do Campeonato Sul-americano em 1916, foram formadas seleções brasileiras, compostas por jogadores cariocas e paulistas. O processo de seleção, no entanto, causou repetidos conflitos entre as associações rivais. O direito de escolher ficava com a CBD e, portanto, os cariocas foram várias vezes acusados de ter excluído os paulistas das seleções por motivos políticos e por um sentimento de 'bairrismo'. Entre 1920 e 1921, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea) retirou seus jogadores da seleção que representou o Brasil nos campeonatos sul-americanos sediados respectivamente no Chile e na Argentina. O ocorrido foi resultado de uma decisão da entidade paulista após um longo conflito entre as associações esportivas de São Paulo e Rio de Janeiro em torno de um campeonato interestadual, a Taça Ioduran. Logo, a imprensa carioca interpretou a atitude dos paulistas como um ato que demonstrava falta de patriotismo de seus rivais:

S. Paulo esportivo está mesmo fora do mapa do Brasil, proclamou-se independente, passando a viver sob o domínio da política de uma força de desfibrados que abdicaram os seus melhores sentimentos em favor de uma causa ingrata, contra o crédito esportivo brasileiro, perante as nações do continente sul-americano que, em Valparaíso, vão disputar o título de campeão do *football* (Sejamos brasileiros..., 21 ago. 1920, p.6).²

Até altas personalidades políticas, como o governador do estado de São Paulo, Washington Luís, intervieram para que a Apea mudasse de opinião. As medidas, contudo, não obtiveram sucesso (Para o Chile, 24 ago. 1920).³

Quando a seleção brasileira-carioca que estava no Chile sofreu uma derrota de zero a seis contra os uruguaios, a reação dos paulistas foi de pouca surpresa. Nos comentários que redigiram sobre o ocorrido deram a entender que haviam duvidado, desde o começo, que esse time poderia demonstrar “a força média do futebol brasileiro, quanto mais a sua força máxima, que podia, que devia representar” (Uruguayos..., 19 set. 1920, p.6). Um jornalista, ante a derrota do time nacional carioca, constatou que “[é] sempre preferível que um quadro regional triunfante honre as cores da nação do que um combinado nacional

fraquejante desmoralize o nosso esporte lá fora”. Esse comentário expressou o pensamento geral dos paulistas com referência à sua relação com os demais estados. O mesmo autor até sugeriu a fundação de uma associação de futebol nacional a partir de São Paulo, “pois, organizando, nós, uma Federação estaremos livres e desimpedidos para honrar melhor o nome do nosso país” (Fundemos..., 4 set. 1920, p.2).

A imprensa carioca, ao contrário, culpou ainda mais a falta de patriotismo paulista pela derrota, como expôs um jornalista do jornal *O Paiz*:

S. Paulo esportivo, a estas horas também canta a sua ‘Aída’, num coro que há de repercutir lá no estrangeiro, não com aplausos, mas sim como um brado de revolta ante a mesquinhez e ambição deles, negando-se a dar jogadores para a representação brasileira, colocando os seus interesses regionais acima da Pátria, onde nasceram, onde vivem e onde gozam dos seus proveitos. ... Mas a vitória moral, essa sim, é nossa, unicamente nossa, quer eles, paulistas, queiram, quer não. Pela derrota dos brasileiros os nossos parabéns a S. Paulo esportivo (Campeonato..., 19 set. 1920b).

Em suma, os paulistas teriam favorecido, na opinião de seus rivais, a região ante uma causa nacional, sobretudo diante da aproximação bem-vinda com as demais nações sul-americanas (Campeonato..., 19 set. 1920a, p.6). As coisas repetiram-se, em 1921, por ocasião do Campeonato Sul-americano na Argentina, quando uma nova retirada de jogadores paulistas acentuou ainda mais a rivalidade entre as duas cidades.

São Paulo como ‘centro de emanção’

Os sentimentos de rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro acumularam-se diante de vários eventos esportivos internacionais e nacionais nos anos 1920. Um deles foi a visita do rei belga, Alberto, e sua esposa ao Brasil. O casal permaneceria no Rio de Janeiro durante a maior parte de sua visita e, para homenageá-los, foi organizado um festival esportivo pelo Fluminense F.C. O desfile de esportistas frente ao rei foi visto como uma demonstração de um novo Brasil (Pereira, 2000) e de um novo homem brasileiro, como deixa a entender o jornal *O Paiz*:

[É] o Brasil de amanhã, ativo, de peito aberto e moço, mostrando nos braços os músculos educados, e no corpo o perfil esbelto da sadia robustez, quem desfilará diante dos soberanos da grande Bélgica, quem dirá a suas majestades que somos um povo em evidente evolucionar esportivo e que o *sport* entre nós já se tornou um ídolo, senão uma religião (A apotheose..., 26 set. 1920).

Os jornalistas paulistas, por seu lado, duvidaram de que os cariocas pudessem representar a nação brasileira da melhor forma. Na esteira da exclusão dos jogadores paulistas promovida pela Apea, ocorrida pouco antes, os paulistas pensavam em organizar a sua própria forma de honrar os soberanos belgas em 1920. A justificativa dada para tal residia no fato de que:

[o]s cariocas são fracos, estão agravados agora com a ausência de seus melhores elementos [que se achavam no Chile para a disputa do Campeonato Sul-americano]. Não é S. Paulo portanto (agora ainda mais do que sempre) o legítimo representante do futebol pátrio? Não está em condições de fazer realizar uma luta belíssima? (Pró-estádio, 27 set. 1920).

As afirmações em relação à representação fraca promovida pela CBD se referiam também à viagem de uma delegação esportiva para os jogos olímpicos na Antuérpia no mesmo ano, pouco antes da visita dos soberanos belgas. Essa delegação não foi composta por jogadores de futebol, mas por alguns atletas. A CBD tinha programado mandar uma delegação de vários ramos de esporte para essa edição dos jogos olímpicos, mas sofreu com a falta de dinheiro para esse empreendimento. Afinal, a delegação teve que pedir ajuda ao Comitê Olímpico Internacional para custear a viagem dos atletas brasileiros à Europa. Os paulistas condenavam essa postura e achavam o pedido de ajuda um gesto vergonhoso. Sua imprensa denominou as delegações brasileiras “embaixadas de fome”. Além disso, definiram a CBD como uma organização à qual faltava um sentido de organização, característica tida como tipicamente carioca, mas agora representando o Brasil inteiro. Dessa forma, os paulistas se posicionaram contra o Rio de Janeiro, colocando-se como “modernos” e “progressivos”, dignos de representar o verdadeiro esporte nacional (Para Anvers..., 6 jul. 1920, p.7).⁴ De nada havia adiantado o Rio ter tomado medidas para mostrar um Brasil ‘civilizado’, moderno e progressista (Caulfield, 2005), pois, de acordo com a imprensa paulista, os cariocas não alcançariam resultados práticos se continuassem apresentando um Brasil ‘decadente’, ‘atrasado’ e ‘desorganizado’.

Se a cidade do Rio de Janeiro foi caracterizada dessa forma também no futebol, São Paulo, ao contrário, foi designada como a vanguarda do Brasil no que dizia respeito ao esporte. Um jornalista, relatando a derrota do Fluminense contra um clube paulista em 1920, expressou muito bem a posição geral de uma parte dos paulistas em relação à superioridade cultural e até racial de São Paulo:

E aí assim é, se o *football* no Brasil alcança esse grau de cultura reveladora das ótimas disposições e aptidões físicas da nossa raça, é inegável que isso devemos aos paulistas, os perpétuos defensores da bandeira do país. ... [E]m *football* – como aliás em tantas outras coisas – S. Paulo é o campeão, o orientador, a corrente preponderante, o expoente máximo (O Paulistano..., 29 mar. 1920).

Com base nessas posições, não surpreende que os paulistas tenham construído, desde os primórdios do futebol, um discurso que colocava São Paulo como a cidade esportiva da qual emanava, por excelência, o conhecimento futebolístico para as regiões ‘atrasadas’ do país. Tal ideologia foi expressa em uma canção de futebol intitulada “Marcha Brasil”, que torcedores do C.A. Paulistano compuseram na ocasião da derrota da seleção no Chile, da qual os paulistas não fizeram parte.

Salve os campeões
Verdadeiros gloriosos Sul-americanos
No ano em que os Paulistas
Fez que o Brasil, tomasse nome nas revistas [sic]
Paulistas aventureiros
Sempre guerreiros, jamais falhou, [sic]
No Chile, nós lá não fomos
O campeonato por lá ficou.
Brasil perdeu o nome
Serviu à Capital de lição
O 19 campeonato é nosso [sic; referência ao Campeonato Sul-americano de 1919,
ganho pelos brasileiros no próprio país]

Paulistas heróis e campeão [sic]
 São Paulo, o grande nome
 Paulista baluarte da nação
 Tudo por tudo primeiro São Paulo
 Que dá a civilização
 (O football..., 30 out. 1920).

Do ponto de vista do jornalista esportivo paulistano Leopoldo Sant'Anna (26 abr. 1918), os paulistas iriam sair da “metrópole do país” para que por “toda parte, pelo norte como pelo sul do continente, os nossos patrícios nos representam e honram, tanto pela sua perícia e esforço – como pela sua encantadora gentileza”. Os paulistas levariam a “civilização esportiva” ao resto do Brasil e, naturalmente, representariam o Brasil no mundo inteiro. Conseqüentemente, o futebol como “meio civilizador”, como formularam várias outras fontes, iria realizar “em alguns dias, o que levam anos para realizar as formalidades protocolares de toda uma diplomacia”, ajudando a conseguir um “estreitamento fraternal” de regiões geograficamente distantes. Isto é, os paulistas tinham o desejo e a pretensão de difundir o futebol “correto”, com o intuito de unir a nação sob a liderança do estado tido como o mais adiantado.

Ao longo do contato futebolístico entre as duas cidades, a rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo baseou-se, em grande parte, em uma diferenciação cultural que elites e jornalistas fizeram entre ambas. Os cariocas, por exemplo, foram relacionados pelos paulistas a características como a indolência e a desorganização. Isso ocorreu principalmente no contexto da realização do Campeonato Sul-americano, por ocasião da comemoração do centenário de independência no Rio de Janeiro, em 1922 (A Gazeta, jan. 1922).⁵ Nesse, que pode ser visto como um dos anos esportivos mais significativos da Primeira República pela forte aliança dos discursos esportivos aos discursos políticos e sociais reinantes, a rivalidade alcançou o seu auge. Isso está diretamente relacionado, no campo discursivo, a uma disputa pela representação



O verde representa a deslumbrante vegetação antes das derrubadas.

Nos pedacinhos amarelos parece que ha allusão aos restos da riqueza nacional.

Nas listas pretas e brancas ha muita significação: A prosperidade da casa Rodovalho, o trachoma, as "fitas", etc.

As estrellas lembram os estados, as bolachas e os efeitos do bicho-do pé.

histórica da Independência e, conseqüentemente, da unidade nacional do Brasil (Ferreira, 2002), expressando-se também em competições nos campos de jogo.

Dos pavilhões e objetos da exposição internacional em comemoração ao centenário da Independência, um dos mais importantes foi o esporte. A CBD, o Comitê Olímpico Internacional e a Associação Cristã dos Moços organizaram jogos olímpicos regionais e convidaram outras nações esportivas da região, como Argentina e Uruguai, para participar das atividades. Com a importância de eventos esportivos internacionais em função de questões diplomáticas, esses jogos eram avaliados como um dos acontecimentos mais importantes em torno das comemorações. Mas também aqui, por diferentes motivos, principalmente a falta de verbas, a CBD deixou a organização para o último momento (Torres, 2006). Os paulistas, então, voltaram a duvidar do potencial de organização da entidade carioca, sobretudo depois de seu pedido de apoio financeiro ao estado de São Paulo: “O Rio esportivo”, observou um jornal, “quando se vê em sérios apuros apela para S. Paulo. Isso já é muito velho, coisa cediça no esporte nacional” (A Gazeta, 9 fev. 1922).

Em 1922 o autor e jornalista esportivo Leopoldo Sant’Anna precipitou o que mais tarde viria a ser narrativa em seu livro *Decadência e supremacia do esporte paulistano* (1925). Segundo o autor:

[t]ornamo-nos, em política, o estado *leader*, como também o somos em comércio, em indústria, em artes. Nossa vontade tem sido respeitada no cenário nacional. Nossos representantes junto ao parlamento, onde se erguem as vozes de 21 estados, sabem o segredo de tornar aceitos os seus ideais, de fazer vencer todos os seus pensamentos e todos os seus planos. Somos uma potência política. Não nos curvamos (Sant’Anna, 13 set. 1922).

Mesmo assim, comentou Sant’Anna (13 set. 1922), essa supremacia política, econômica e cultural não correspondia ao papel de São Paulo na administração do esporte, que “não representa nas suas relações externas a sombranceria dos bandeirantes”.



Figura 1: Semana dos símbolos da nação (Semana..., 26 set. 1922)

O ramo de fumô: A delicia dos brasileiros de todo o tamanho.

O ramo de café: A prosperidade dos patriotas que jogam na alta e na baixa do grande producto.

O globo vai representar a supremacia de S. Paulo nos campos de futebol.

A superioridade e autopercepção de São Paulo como o centro de emanção do futebol do Brasil se expressou também em várias ilustrações. Uma delas foi publicada logo depois do sucesso dos paulistas no primeiro campeonato brasileiro em 1922.⁶ A imagem com o subtítulo “O globo vai representar a supremacia de S. Paulo nos campos de futebol” demonstra o quanto a autoclassificação paulista de ser superior no futebol estava ligada a acontecimentos políticos. Aqui, a superioridade na indústria, na economia e no futebol é simbolizada por diferentes componentes da bandeira nacional. Assim, os paulistas demonstraram simbolicamente a universalidade das suas pretensões e de novo localizavam-se não apenas no âmbito nacional, mas também no global.

Mesmo com os sucessos nos Campeonatos Sul-americanos, os representantes de uma vertente para a internacionalização do esporte acharam vergonhoso que o Brasil não tivesse sido capaz de formar equipes de futebol para mandá-las para os jogos olímpicos de 1924 e 1928, quando os futebolistas do Uruguai e, no último, também da Argentina, obtiveram grandes sucessos. Esse sentimento de inferioridade teve ampla repercussão sobre os paulistas, que passaram a adotar iniciativas privadas de demonstração do potencial esportivo do Brasil a partir de São Paulo.

“Diplomacia do chute”: negociação de identidades raciais e étnicas na Europa

É importante levar em consideração o papel dado ao esporte nessa fase da hierarquização da identidade nacional pelos paulistas. Um jornalista da época considerou o século XX o século do esporte, no qual atletas e jogadores de futebol tomaram o lugar de diplomatas – questões internacionais poderiam ser decididas em partidas de futebol, em vez de em banquetes e encontros formais de alguns poucos estadistas. Essa “diplomacia de chute”, como ele denominou os encontros internacionais de futebol, representaria o Brasil também como potência econômica (Cordovil, 21 mar. 1925). Tanto que, em 1925, um dos patrocinadores mais importantes da comunidade esportiva de São Paulo, Antônio Prado Júnior, organizou a visita do C.A. Paulistano à Europa. Não é por acaso que o clube visitou a França, já que Prado Júnior vinha de uma das famílias mais importantes da elite cafeeira de São Paulo, que tradicionalmente dispunha de contatos muito fortes com elites francesas (Levi, 1987), a ponto de Prado Júnior ter entrado pessoalmente em contato com líderes das principais organizações esportivas da França. A visita do clube ao país europeu foi um sucesso enorme. No Brasil, na Argentina, no Uruguai e na França, ela foi interpretada como se o clube tivesse sido uma seleção nacional e até uma representação de toda a América do Sul.

Já no começo do trajeto, a delegação paulista, composta de jornalistas dos principais periódicos da cidade e de jogadores, ficou muito convencida da missão patriótica da viagem. Tanto que ficou desiludida com a recepção desinteressada do barco *Zeelândia* – no qual haviam embarcado em Santos rumo à Europa – pelos pernambucanos no porto de Recife, última parada antes do Velho Mundo.

Havia no cais uma multidão compacta, que supusemos, a princípio, tivesse vindo por nossa causa. Nada disso, entretanto. Nós éramos como se não fôssemos brasileiros, como se não saíssemos da pátria, para representá-la no estrangeiro. Sabíamos já da descortesia que haviam feito com a delegação atlética de 1924 [que viajou para as Olimpíadas de

Antuérpia], não a procurando, nem lhe dando sinal algum de interesse ou de simpatia. Julgávamos, porém, que se tivesse tratado de uma falta de informação, devido ao fato da delegação de atletismo ter ido à Europa com discrição muito propositada. Mas não imaginávamos que com o Paulistano, cuja saída de S. Paulo para a Europa tem sido largamente anunciada e comentada há meses, se fosse reproduzir um esquecimento que, no caso, seria, como foi, inominável falta de polidez, até mesmo de patriotismo (Atravessando..., 23 mar. 1925).

Tamanha falta de patriotismo surgiu mais algumas vezes como acusação contra brasileiros de outros estados em relação à recepção das notícias do sucesso dos paulistanos. Antes da viagem, as intenções eram ainda modestas, como Prado Júnior reconheceu:

não somente para o europeu, em geral, a América do Sul é uma espécie de nebulosa geografia em que se não distinguem muito bem os países com ainda [sic] porque, no caso de que se trata, a turma em questão não representa uma instituição nacional senão apenas um conjunto de província ali pouco conhecida (O C.A. Paulistano..., 21 jan. 1925).

No entanto, a partir dos primeiros sucessos da equipe na Europa, as intenções se tornaram mais ambiciosas. O reconhecimento e elogio feito pela comunidade internacional levou os paulistas a se sentir como os legítimos representantes tanto do Brasil como da América do Sul. Ao mesmo tempo, em Paris, faziam questão de querer demonstrar um Brasil paulistano para o público europeu, isto é, um Brasil próspero, civilizado, moderno e branco, como fizeram em diversos outros momentos (Weinstein, 2003, p.243). A delegação paulista parecia estar consciente de que os interesses envolvidos na viagem não eram apenas esportivos: a delegação levou folhetos do Ministério da Agricultura e rolos de filmes que mostravam a região de São Paulo, provavelmente com o intuito de fazer propaganda do café brasileiro na Europa.

Mas a imagem que eles queriam projetar foi sensível a qualquer crítica. Nos jornais, os franceses comparavam os brasileiros constantemente aos jogadores uruguaios, que haviam ganho as Olimpíadas na França, em 1924, e percorreram a Europa, em 1925, com o clube Nacional. Diferenciando os brasileiros de seus vizinhos pelo fenótipo e pelo estilo de jogar, os franceses associavam os primeiros aos etíopes e chamaram atenção pelo fato de a equipe ser composta por “mulatos e mestiços” (Galsán, 2 abr. 1925). Noções culturais e raciais foram usadas para descrever o estilo brasileiro, lembrando seu passado colonial e escravista e relacionando-o diretamente a seus vizinhos sul-americanos:

Da vitória esportiva do Brasil, que veio logo após à do Uruguai, no musculoso jogo de futebol, não me parece exagerado dizer, como Goethe depois da batalha de Valmy: “Um novo mundo começa...” Mas temos que ela transforma nossa concepção de uma América do Sul onde os plantadores indolentes, deitados numa rede balançada por uma negra, fumando preguiçosamente na sombra das palmeiras. ... E olho esses rostos jovens, alinhados por volta da mesa como um mural de cabeças latinas, ligeiramente mais dourados pelo sol, que não seriam as de uma equipe de Bayonne ou de Perpignan. Nenhum deles jamais veio à Europa. Todos falam francês. É o suficiente para evocar o contraste para com uma equipe escandinava ou inglesa, para sentir que a latinidade não é um sonho. ... Eles são atletas, mas atletas latinos, isto é, ardentes. Eles me confessam que é o caso de acabar com os jogos entre São Paulo e Rio de Janeiro lá [no Brasil], tanto é a paixão com que lá os apoiam jogadores e espectadores arriscando incitar pequenas

guerras civis. Mas com Uruguai, Argentina e Chile, a competição é constante. Esses três países e o Sul do Brasil compõem juntos aquilo que se pode chamar de a América fria, onde o boxe e o *football*, esportes viris, se juntam aos esportes da América quente, que são a dança e o amor. Eles ainda não terminaram de nos surpreender (Waleffe, 18 mar. 1925).⁷

Vale a pena mencionar que os próprios franceses, no principal jogo contra os brasileiros, sofreram uma crise identitária por terem incluído jogadores argelinos no seu time. Sua derrota em casa foi interpretada pela imprensa local como uma oprobiosa demonstração de uma nação não coesa, atribuindo-se a culpa pelo resultado adverso aos jogadores norte-africanos que faziam parte do time (*Le miracle...*, 17 mar. 1925).⁸ A vitória dos paulistanos no estádio Buffalo, em Paris, forneceu-lhes tanta autoestima que até surgiu uma caricatura em um jornal paulista ironizando o fato de os franceses terem que recorrer a jogadores das colônias para enfrentar os brasileiros fortes, comparando isso ao recrutamento pelo exército francês na Primeira Guerra Mundial (*Como...*, 17 abr. 1925).

Mas a comparação dos brasileiros com africanos, o apontamento para a composição do time de ‘mulatos e mestiços’ e a narrativa de uma vitória alcançada com um pouco de “feitiçaria” fez com que os brasileiros ficassem bastante inseguros em relação ao resultado, como fica evidente em um artigo da revista *Dom Quixote*:

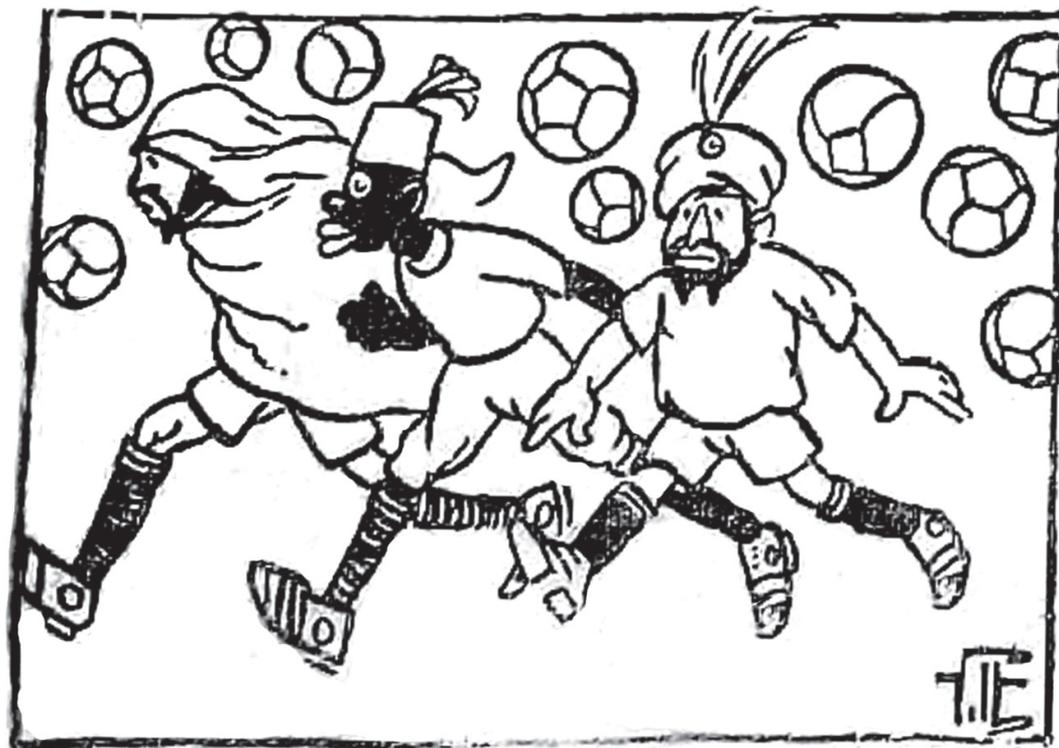


Figura 2: Como na Grande Guerra: para sustar a marcha triunfal do Paulistano na Europa, será preciso apelar para as colônias (*Como...*, 17 abr. 1925)

‘com todas as regras de arte’... realmente os nossos campeões são verdadeiros artistas da ‘pelota’. Isso mesmo atesta a falta de senso de considerar como resultado de uma feitiçaria uma vitória conseguida ‘com todas as regras, etc...’ Dir-se-ia que os franceses, depois de nos taxarem de mestiços, queriam fazer crer que os nossos jogadores fossem ‘pais de santos?...’ Ou é simplesmente a falta do hábito da cortesia esportiva e polidez social que se faz sentir nos arquicivilizados povos da terra de Landrú? (Abalisões..., 13 maio 1925).⁹

Nem a imprensa nem a comunidade esportiva no Brasil estava satisfeita com essas imagens deixadas. Houve receio de que o esporte não fosse uma expressão cultural adequada para integrantes da elite paulista (O Paulistano..., 26 mar. 1925). Ainda assim, os paulistas chegaram a se portar como os ‘civilizadores’ esportivos dos franceses, como se estivessem ensinando aos europeus o comportamento condizente em termos culturais, tal qual escreveu o escritor Benjamin Constallat (19 mar. 1925) depois da vitória do Paulistano contra os donos da casa:

os franceses continuaram a chamar os *foot-ballers* brasileiros de ‘brasileirinhos’ – de *petits brésiliens*... Brasileirinhos! Isso dito em tom pejorativo ... Brasileirinhos, sim, mais uns brasileirinhos que sempre tiveram mais elegância moral do que vocês; brasilerinhos que nunca vaiaram um adversário caído; brasileirinhos que ensinarão a vocês o dia que aqui vierem, como se pratica ainda o velho e antigo dever da hospitalidade; brasileirinhos que ensinarão a vocês muita coisa, inclusive de serem educados e a jogar *foot-ball*. Brasileirinhos, sim, mas filhos de uma pátria dezessete vezes maior que a França! Só se somos pequeninos porque nossa terra é grande!

Contrariando as imagens da imprensa francesa, o sucesso do time na Europa foi posteriormente apresentado e recebido pela imprensa e pela comunidade esportiva em geral como representante de um espírito bandeirante, sendo conceituado como uma façanha corajosa e heróica, ao mesmo tempo moderna e indicadora de progresso.

O futebol, dessa forma, ajudou a construir o mito do paulistano como o povo brasileiro por excelência, representante do Brasil moderno, completando-o com uma imagem corporal e discursiva, própria do esportista do século XX. Esse, por seu turno, tinha seus ascendentes nos bandeirantes. Portanto, ele foi construído como uma personalidade progressista que se baseava ao mesmo tempo na tradição. Com essa composição, ele era visto como ainda mais completo do que qualquer outro esportista de outra região no Brasil, uma vez que seria a base para a criação de um novo homem brasileiro, até uma ‘nova raça brasileira’ que emanasse de São Paulo.¹⁰

Considerações finais

A internacionalização do futebol e a contínua construção de uma comunidade esportiva transnacional no começo do século XX fizeram com que a diferenciação regional e a internacionalização desse esporte ocorressem de forma concomitante e interdependente. No Brasil, o mesmo processo pode ser visto: o futebol serviu para as elites de São Paulo e Rio de Janeiro construir e expressarem suas identidades regionais. Neste texto, buscou-se analisar esses processos de diferenciação entre ambas as cidades a partir da análise de determinados eventos esportivos sob uma perspectiva global e local.

A maioria da literatura existente trata da história do futebol de um ângulo nacional, mas vale a pena ancorar o referido esporte em seu contexto global de desenvolvimento. Assim vemos que a construção de identidades regionais foi desenvolvida discursivamente em contexto mais amplo que as fronteiras nacionais, ao mesmo tempo em que teve a nação como foco. Como a última parte do texto mostra, as elites paulistas precisavam, para reforçar a sua autoestima no âmbito nacional, do reconhecimento europeu. A interação e a negociação transnacional condicionavam uma diferenciação e uma demarcação no âmbito nacional. Depois dos sucessos na Europa, os paulistas entraram ainda mais confiantes nos campos de jogo e consideraram comprovada uma superioridade cultural-étnica do Brasil em relação à Europa. Os paulistas tentaram propagar uma 'brasilidade' com jogadores que correspondiam a um conceito de modernização da nação. Uma nação que era incorporada por eles através do jogo de futebol, forma de expressão globalmente difundida.

NOTAS

¹ Ver também O football... (8 jan. 1921, p.6).

² Ver também A Taça... (4 ago. 1920); Pondo os pontos... (20 ago. 1920, p.6); O 'caso'... (5 ago. 1920); 'Conceder...' (5 ago. 1920); Campeonato... (19 set. 1920a, p.6; 19 set. 1920b).

³ Ver também S. Paulo... (21 ago. 1920); A Associação... (21 ago. 1920).

⁴ Ver também A Gazeta (9 set. 1920; 14 set. 1920).

⁵ Ver também Embaixador... (7 fev. 1922); A Confederação-Metropolitana (9 fev. 1922); Os sports... (26 set. 1922); Notas... (27 set. 1922); O Campeonato... (25 set. 1922).

⁶ O Campeonato Brasileiro de 1922, instalado pela CBD como um campeonato entre times dos estados brasileiros, depois não foi reconhecido oficialmente como o primeiro pela CBD, por não terem participado times dos estados do Pará e de Pernambuco. Já na edição de 1923 esses estados acabaram participando, fazendo com que a CBD o reconhecesse oficialmente como o primeiro Campeonato Brasileiro (A regulamentação..., 10 fev. 1925). Ver também Sant'Anna, p.76-85 (1925).

⁷ Nessa e nas demais citações em língua estrangeira, a tradução é livre.

⁸ Ver também Trois 'onze'... (20 mar. 1925); Porque... (11 abr. 1925).

⁹ O autor deste artigo se referiu a Landrú, um assassino em série durante a Primeira Guerra Mundial em Paris, para questionar o estado de civilização dos franceses e retribuir a crítica com um argumento parecido.

¹⁰ Para esse conceito, ver Dávila (2006).

REFERÊNCIAS

A APOTHEOSE...

A apotheose sportiva de hoje em homenagem a S.S.M.M. os reis da Bélgica. *O Paiz*, Rio de Janeiro. 26 set. 1920.

A ASSOCIAÇÃO...

A Associação Paulista declara nada poder fazer. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro. 21 ago. 1920.

ABALISÕES ...

Abalisões opiniadas. *D. Quixote*, Rio de Janeiro. 13 maio 1925.

A CONFEDERAÇÃO-METROPOLITANA.

A Confederação-Metropolitana. *A Gazeta*, São Paulo. 9 fev. 1922.

A GAZETA.

A Gazeta, São Paulo. Futebol. 9 set. 1920.

A GAZETA.

A Gazeta, São Paulo. Futebol. 14 set. 1920.

A GAZETA.

A Gazeta, São Paulo. Futebol. jan. 1922.

A GAZETA.

A Gazeta, São Paulo. Futebol. 9 fev. 1922.

A REGULAMENTAÇÃO...

A regulamentação do maximo concurso nacional. *A Gazeta*, São Paulo. 10 fev. 1925.

ARNAUD, Pierre.

Sport: a means of national representation. In: Arnaud, Pierre; Riordan, James (Org.). *Sport and international politics*. London: Routledge. p.3-13. 1998a.

ARNAUD, Pierre.

French sport and the emergence of authoritarian regimes, 1919-1939. In: Arnaud, Pierre; Riordan, James (Org.). *Sport and international politics*. London: Routledge, p.114-146. 1998b.

A TAÇA...

A Taça Ioduran. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. 4 ago. 1920.

ATRAVESSANDO...

Atravessando o Atlântico. *A Gazeta*, São Paulo. 23 mar. 1925.

BECK, Peter.

Scoring for Britain: international football and international politics, 1900-1939. London: Frank Cass. 1999.

BOCKETTI, Gregg P.

Playing with national identity: Brazil in international football, 1900-1925. In: Kraay, Hendrik (Org.). *Negotiating identities in modern Latin America*. Calgary: University of Calgary Press. p.71-89. 2007.

CALDAS, Waldenyr.

O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural. 1990.

CAMPEONATO...

Campeonato Sul-americano. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p.6. 19 set. 1920a.

CAMPEONATO...

Campeonato Sul-americano. *O Paiz*, Rio de Janeiro. 19 set. 1920b.

CAULFIELD, Sueann.

Em defesa da honra: moralidade, modernidade e Nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp. 2005.

CONSTALLAT, Benjamin.

Os brasileiros!... *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 19 mar. 1925.

COMO ...

Como na Grande Guerra: para sustar a marcha triumphal do Paulistano na Europa, será preciso appellar para as colonias. *A Gazeta*, São Paulo. 17 abr. 1925.

CONCEDER...

Conceder a S. Paulo para ceder ao Brasil. *O Paiz*, Rio de Janeiro. 5 ago. 1920.

CORDOVIL, Ismael.

Diplomacia do chute. *A Gazeta*, São Paulo. 21 mar. 1925.

DÁVILA, Jerry.

Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora da Unesp. 2006.

DYRESON, Mark.

Globalizing the nation-making process: modern sport in world history. *The International Journal of the History of Sport*, Abingdon, v.20, n.1, p.91-106. 2003.

EISENBERG, Christiane.

"English sports" und deutsche Bürger: eine Gesellschaftsgeschichte, 1800-1939. Paderborn: Schöningh. 1999.

EISENBERG, Christiane.

Der Weltfußballverband Fifa im 20. Jahrhundert: Metamorphosen eines 'Prinzipenreiters'. *Vierteljahreshefte für Zeitgeschichte*, München, v.2, p.209-230. 2006.

EISENBERG, Christiane.

Medienfußball: Entstehung und Entwicklung einer transnationalen Kultur. *Geschichte und Gesellschaft*, Göttingen, v.31, p.586-609. 2005.

EISENBERG, Christiane.

The rise of internationalism in sport. In: Geyer, Martin H.; Paulmann, Johannes (Org.). *The mechanics of internationalism: culture, society, and politics from the 1840s to the First World War*. Oxford: Oxford University Press, p.375-403. 2001.

EMBAIXADOR...

Embaixador dos cariocas. *A Gazeta*, São Paulo. 7 fev. 1922.

FERREIRA, Antonio Celso.

A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora da Unesp. 2002.

FRANZINI, Fábio.

Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A. 2003.

FUNDEMOS...

Fundemos a Federação Brasileira de Futebol. *A Gazeta*, São Paulo, p.2. 4 set. 1920.

GALSÁN, Cleo de.

Os jornaes de Paris e os brasileiros. *A Gazeta*, São Paulo. 2 abr. 1925.

GIULIANOTTI, Richard.

Football, South America and globalisation: conceptual paths. In: Miller, Rory M.; Crolley, Liz (Org.). *Football in the Americas: fútbol, futebol, soccer*. London: Institute for the Study of the Americas. p.37-51. 2007.

KEYS, Barbara J.

Globalizing sport: national rivalry and

international community in the 1930s. Cambridge: Harvard University Press. 2006.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. *Moving with the ball: the migration of professional footballers*. Oxford: Berg. 2001.

LE MIRACLE...
Le miracle des 'loups'. *Echo des Sports*, Paris. 17 mar. 1925.

LEVI, Darrell E.
The Prado's of São Paulo, Brazil: an elite family and social change, 1840-1930. Athens: University of Georgia Press. 1987.

MELO, Victor Andrade de.
Cidade esportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos.
Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões e Debates*, Curitiba, v.20, n.39, p.121-151. 2003.

NOTAS...
Notas à margem do Sul-Americano. *A Gazeta*, São Paulo. 27 set. 1922.

O CAMPEONATO...
O Campeonato Sul-americano. *A Gazeta*, São Paulo. 25 set. 1922.

O C.A. PAULISTANO...
O C.A. Paulistano na Europa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo. 21 jan. 1925.

O 'CASO'...
O 'caso' da taça Ioduran. *O Paiz*, Rio de Janeiro. 5 ago. 1920.

O FOOTBALL...
O football no Amazonas. *Vida Sportiva*, Rio de Janeiro, n.176, p.6. 8 jan. 1921.

O FOOTBALL...
O football paulista: cantado com a musica da Marcha Brasil. Aos jogadores. Por F. Magalhães e R. Theodoro Sampaio. *Notícias do Club Athletico Paulistano*, São Paulo, p.1-2. 30 out. 1920.

O PAULISTANO...
O Paulistano, vencendo o Fluminense, reafirmou o seu título de campeão brasileiro. *A Gazeta*, São Paulo. 29 mar. 1920.

O PAULISTANO...
O Paulistano em Paris. *A Gazeta*, São Paulo. 26 mar. 1925.

OS SPORTS...
Os sports no Centenário. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 26 set. 1922.

PARA ANVERS...
Para Anvers... por 'mar'! *O Paiz*, Rio de Janeiro, p.7. 6 jul. 1920.

PARA O CHILE.
Para o Chile. *O Paiz*, Rio de Janeiro. 24 ago. 1920.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda.
Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2000.

PONDO OS PONTOS...
Pondo os pontos nos ii... *O Paiz*, Rio de Janeiro, p.6. 20 ago. 1920.

POPE, Stephen W.
Patriotic games: sporting traditions in the American imagination, 1876-1926. Oxford: Oxford University Press. 1997.

PORQUE...
Porque o futebol francês está em decadência?. *A Gazeta*, São Paulo. 11 abr. 1925.

PRÓ-ESTADIO.
Pró-estádio: para o Rei Alberto ver. *A Gazeta*, São Paulo. Futebol. Colaboração dos Leitores. 27 set. 1920.

SANT'ANNA, Leopoldo.
Supremacia e decadência do futebol paulista. São Paulo: Instituto Ana Rosa. 1925.

SANT'ANNA, Leopoldo.
Ecos. *A Gazeta*, São Paulo. 13 set. 1922.

SANT'ANNA, Leopoldo.
O football em S. Paulo tem progredido notavelmente. *A Gazeta*, São Paulo. 26 abr. 1918.

SANTOS NETO, José Moraes dos.
Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac e Naify. 2002.

SARMENTO, Carlos Eduardo.
A regra do jogo: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC. 2006.

SEJAMOS BRASILEIROS...
Sejamos brasileiros!... *O Paiz*, Rio de Janeiro, p.6. 21 ago. 1920.

SEMANA...
Semana dos symbolos da Nação. *A Gazeta*, São Paulo. 26 set. 1922.

SEVCENKO, Nicolau.
Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

SOUZA, Denaldo Alchorne de.
O Brasil entra em campo!: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). Rio de Janeiro: Annablume. 2008.

S. PAULO...
S. Paulo dará ou não jogadores para o Sul-Americano? *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro. 21 ago. 1920.

TERRET, Thierry.

French gymnastics in Brazil: dissemination, diffusion and relocalization. *The International Journal of the History of Sport*, Abingdon, v.26, n.13, p.1983-1998. 2009.

TORRES, Cesar R.

The Latin American 'olympic explosion' of the 1920s: causes and consequences. *The International Journal of the History of Sport*, Abingdon, v.23, n.7, p.1099-1111. 2006.

TROIS 'ONZE'...

Trois 'onze' français. *Echo des Sports*, Paris. 20 mar. 1925.

URUGUAYOS...

Uruguayos vs. Brasileiros. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.6. 19 set. 1920.

WALEFFE, Maurice de.

L'Amérique chaude et froide. *Paris-Midi*, Paris. 18 mar. 1925.

WEINSTEIN, Barbara.

Racializing regional difference: São Paulo versus Brazil, 1932. In: Appelbaum, Nancy P.; Roseblatt, Karin Alejandra; Macpherson, Anne S. (Org.). *Race and nation in modern Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press. p.237-262. 2003.

